

Relações entre o comportamento agressivo dos pré-escolares e a expressão da raiva de seus pais

Tânia Maria Cemin Wagner e Angela Maria Brasil Biaggio
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O propósito deste estudo foi identificar a relação entre a forma como os pais lidam com sua agressividade e a maneira pela qual seus filhos pré-escolares estão se relacionando com os colegas, no que se refere a comportamentos agressivos. Foram investigadas 80 crianças de ambos os sexos, entre três e cinco anos e seus respectivos pais. Foi realizada uma triagem destas, controlando-se variáveis, como: residir com ambos os pais, número de irmãos e idade. Após, as crianças foram observadas nas pré-escolas, por 90 minutos. Os pais foram avaliados através do STAXI, que analisa a forma como expressam a sua raiva. Na análise dos resultados, constatou-se que há uma correlação significativa e positiva entre os escores na subescala "raiva para fora" do STAXI de mães e o comportamento total de agressão (verbal e físico). Verificou-se, através de análises de variância, que as crianças do sexo masculino apresentam mais comportamentos agressivos físicos do que verbais, quando comparados com as do sexo feminino. Constatou-se, também, que houve um aumento dos comportamentos agressivos, tanto físicos quanto verbais, com o passar dos anos das crianças. O estudo inclui uma breve análise dos comportamentos das crianças e uma análise do conteúdo das verbalizações de agressão.

Palavras-chave: Agressividade, pais, filhos, pré-escola, STAXI.

Abstract

The goal of this study is to identify the relationships between the way parents deal with their aggressive feelings and their children's behavior, regarding aggression. Eighty children of both sexes, with ages ranging from three to five years, and their parents were the subjects of the study. Some screening was conducted, controlling for variables such as: living with both parents, number of siblings, and age. After the children were observed in the pre-school, for 90 minutes. The parents were administered Spielberger's STAXI which shows how anger is expressed. The results revealed a positive significant correlation between mother's "anger-out" scores and the total aggressive behavior of their daughters. The ANOVAS performed to see if males would show more physical than verbal aggression, as compared to females, yielded significant levels. It was found that both kinds of aggressive behavior, physical and verbal, increased with age, in this sample. The study contains a brief analysis of aggressive behaviors in children, as well as a content analysis of verbalizations of aggression.

Key words: Agressivity, parents, sons, preschool, STAXI.

O presente estudo visa investigar a relação entre a forma como os pais expressam a sua raiva (para dentro, para fora ou se a controlam) e o modo como os seus filhos pré-escolares estão se relacionando com os colegas na escola, no que se refere a comportamentos agressivos. Entre as várias teorias que abordam o comportamento agressivo, destacam-se as teorias de inspiração behaviorista, as de base instintivista: psicanalítica e etológica e a teoria de aprendizagem social. Neste estudo foi aprofundado tanto o constructo de raiva na concepção de Spielberger

(1988) quanto o de agressividade, aspecto que será observado nas crianças. Para Spielberger, a raiva é considerada como um estado emocional que abrange sentimentos que variam desde o aborrecimento leve ou a irritação até a fúria e a raiva, que são acompanhados por uma estimulação do sistema nervoso autônomo. Considera que a emoção de raiva é uma condição necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento de posturas hostis e para a manifestação do comportamento agressivo.

Brooks-Gunn & Lewis (1982) afirmam que não há evidências suficientes que identifiquem quando as crianças começam a aprender regras particulares de expressão de afeto, embora a observação de padrões de interação mãe-criança sugira que algumas destas regras de socialização ocorrem desde

cedo. Lewis & Michalson (1982) assinalaram que a aquisição desta aprendizagem é um ponto crítico para a adaptação da criança ao seu meio social e consideram que as crianças são ensinadas desde cedo a modificar ou a suprimir as emoções que a sociedade julga serem inapropriadas. Lewis, Sullivan & Vasen (1987) enfatizaram que a inibição das expressões negativas é algo socializado. Com o final do período pré-escolar, se as crianças não estão aptas a controlar seus medos e sua raiva, elas, no entanto, sabem que é importante mascarar seus sentimentos (Saarni, 1979, *apud* Clarke-Stewart *et alii*, 1985). Manstead (1991) estudou as conexões entre a emoção e a vida social. Ekman & Friesen (1971) *apud* Manstead (1991), consideram que as outras pessoas são capazes de discernir parcialmente o que sentem, com base no comportamento expressivo. Zubek & Solberg (1954) citam estudos de autores que constatarem que, a partir dos três anos de idade, as crianças dão vazão à sua raiva verbalmente e que, em todas as idades (um-sete anos), os meninos expressaram mais sua raiva fisicamente e as meninas, mais verbalmente. Mussen *et alii* (1990) afirmam que o comportamento agressivo é parte do estereótipo masculino em nossa cultura, sendo esperado e, freqüentemente, encorajado de forma implícita nos meninos.

Para Maccoby e Jacklin (1978), a agressão representa a intenção de um indivíduo ferir outro. O sexo masculino parece expressar de forma mais agressiva seus sentimentos hostis do que o feminino. As autoras referem-se aos estudos de McIntyre (1972) que constatou que os meninos expressam a agressão de forma mais física e que, com relação à agressão verbal, não há diferenças entre os sexos. Maccoby e Jacklin (1978) referem-se também aos estudos de Whiting e Pope (1974) que constataram que nas sete culturas diferentes estudadas, foi possível perceber que os meninos se engajaram em mais comportamentos de revidar agressões, em resposta a uma instigação agressiva de outro, do que as meninas. Omark, Omark and Edelman (1973), também citados pelas autoras, constataram que nas três sociedades diferentes (USA, Suíça e Etiópia), houve uma exibição mais agressiva por parte dos meninos. Maccoby e Jacklin (1978) consideram, portanto, que os dois sexos são reforçados diferentemente no que

diz respeito à agressão. Para as meninas é permitido demonstrar a hostilidade de forma refinada, mas não física, sendo que esta é considerada apropriada para os meninos. Estes resultados estão de acordo com o que Feshbach afirma, quando refere que há evidências de que os meninos são mais agressivos fisicamente do que as meninas. Frisch e outros (1977) também demonstraram que os meninos são mais estimulados a atividades motoras e as meninas, a brincadeiras de "cuidar de". Condry e Ross (1985) constataram que duas crianças, quando pareciam ser meninos, foram percebidas significativamente como menos agressivas do que quando as mesmas crianças faziam a mesma atividade, porém, parecendo ser meninas.

Bandura e Walter (1963) consideram que as crianças imitam muitas coisas, não somente o que lhes é ensinado. Maccoby e Jacklin (1978) resumem aspectos já citados, entre outros, por Kagan (1964), Sears *et alii* (1965) e Mussen (1969), sobre a influência da imitação ou identificação na aquisição do comportamento sexualmente tipificado das crianças. Principalmente nas crianças pré-escolares, os pais são os modelos mais copiados no que se refere à aquisição de comportamentos sexuais tipificados. Kohlberg (1984) considera que a imitação seletiva ocorre quando as crianças estabeleceram uma "constância de gênero". Afirma, ainda, que este processo não acontece antes dos cinco-seis anos. Maccoby e Jacklin (1978) referem-se aos estudos de Hetherington (1965) que encontrou, em crianças de quatro-cinco anos, uma imitação seletiva dos pais do mesmo sexo, significativamente somente para as meninas. Portanto, as autoras compreendem que o processo de modelação é crucial na aquisição de um repertório amplo de comportamentos potenciais, mas este repertório não interfere na tipificação sexual. Smith & Connolly (1981) preocuparam-se com outra variável, além da idade e de sexo das crianças, ou seja, a presença ou a ausência dos pais em casa. Verificaram que os comportamentos agressivos foram significativamente mais freqüentes em meninos com pai do que sem pai, ou do que em meninas. Esta é uma das justificativas para o controle desta variável no presente estudo.

Ainda as mesmas autoras, Maccoby e Jacklin (1978), apresentaram uma síntese das habilidades que se mostram diferentes nos dois sexos. Clarke-Stewart e outros (1985) afirmam também que nos meninos estão mais presentes os comportamentos agressivos, de ofensa, de injúria ou outra provocação, sendo estes também, mais vulneráveis a ataques físicos, quando comparados com as meninas. Os autores consideram que em todas as culturas, os meninos são mais agressivos, tanto física quanto verbalmente. E que a agressividade tende a declinar depois dos anos pré-escolares. Outro estudo que corrobora o anterior é o de Sanson *et alii* (1993) que realizaram um estudo longitudinal, com crianças de um ano até oito anos. Constataram que na primeira infância (crianças que estão aprendendo a caminhar), não há diferenças quanto ao sexo no que diz respeito à agressividade. Porém, com o aumento da idade, as diferenças tornam-se mais pronunciadas, sempre na direção de maiores dificuldades nos meninos. Verificaram que os meninos foram mais não-cooperativos, não-cumpridores de regras, agressivos e hiperativos do que as meninas.

Zan-Waxler, Cummings, Ianotti e outros (1986) consideram que a visualização da raiva dos outros contribui para a agressividade. Em 1985, estes autores demonstraram que as crianças pequenas se estressam diante da visualização da raiva dos outros, podendo induzir a vários comportamentos, como a agressão. Cummings (1987) também constatou que as crianças pré-escolares, como expectadoras de uma interação de raiva entre adultos, ficavam estressadas, desafiando suas capacidades de adaptação e aumentando o número de comportamentos agressivos destas. Este estudo de Cummings (1987) foi replicado por El-Sheikh, Cummings e Goetsch (1989) e os resultados constataram um aumento das respostas emocionais negativas, havendo com mais frequência comportamentos agressivos e mais relatos de sentimentos raivosos. Os batimentos cardíacos também se apresentavam aumentados, sugerindo angústia. Jablonski (1978) reforça estas constatações, considerando que desde 1960 um grande número de experimentos vêm mostrando o fato de que a observação de violência aumenta, facilita, estimula, ou seja, acaba promovendo subseqüentes comportamentos

agressivos, por parte do expectador. Bandura e Ross & Ross (1963) verificaram que as crianças são capazes de codificar, memorizar e pôr em prática algo observado, havendo, portanto, uma relação entre observar atos violentos e se comportar de forma agressiva, após a visualização. Cummings (1994) realizou um estudo sobre a repercussão dos conflitos maritais no funcionamento das crianças e constatou, entre outras coisas, que a raiva dos adultos é estressante e emocionalmente desgastante para as crianças que presenciam momentos de conflito. Outro estudo, também de grande importância, é o de Strassberg *et alii* (1994) que examina a relação entre o espancamento materno e paterno, e subseqüente agressão da criança aos seus colegas de jardim de infância. Verificaram que há uma correlação significativa entre estes dois aspectos.

Eron, Lefkowitz, Huesmann e Walder (1972) também constataram, em um estudo longitudinal, que há uma forte relação entre programas de televisão com violência e aumento de comportamentos agressivos, porém, somente nas crianças do sexo masculino. Em um estudo recente de Sanson & diMuccio (1993) foram examinados os efeitos da visualização, por crianças, de desenhos agressivos e brincadeiras com brinquedos associados à agressividade. Dividiram 60 crianças (três-cinco anos) em dois grupos, um foi exposto aos brinquedos e desenhos agressivos e o outro como grupo controle. Constataram que os níveis de agressão foram consideravelmente maiores com o primeiro grupo. Outro estudo que corrobora estes achados é o de Ridley-Johnson *et alii* (1991) que traz um parecer dos pais sobre os efeitos da visualização de violência pela televisão. Foram examinados 48 pais de meninos e 57, de meninas. Os pais dos meninos e das meninas consideraram que a violência da televisão pode contribuir para o medo/passividade de seus filhos. Porém, os pais dos meninos foram mais concernentes quanto aos efeitos relacionados à agressão.

Outro estudo importante relacionado à agressividade foi o de Jones (1981), de cunho etológico. O autor constatou que comportamentos agressivos ocorreram com frequência significativamente maior nas crianças mais velhas (quatro anos). Verificou, também, que brincar com brinquedos tende a en-

volver categorias de brincadeira turbulenta, enquanto que sem brinquedos, categorias sociais e agressivas. Observou, também, uma tendência, apesar de não significativa, de crianças sem irmãos apresentarem menos comportamentos agressivos. Estas constatações de Jones justificaram o controle da variável “número de irmãos”, sendo necessário que a criança tenha pelo menos um irmão e no máximo dois. Também interferiu na escolha da faixa etária das crianças (três-cinco anos) e o fato de a observação ser realizada em momentos de recreação livre, geralmente no pátio.

Com base na fundamentação teórica e nas pesquisas acima mencionadas, formularam-se as seguintes hipóteses: 1) crianças com ambos os pais que expressam a raiva para fora terão mais comportamentos agressivos manifestos do que filhos de pais que expressam sua raiva mais para dentro ou controlam a raiva; 2) pais que expressam a raiva mais para fora terão filhos com mais comportamentos agressivos manifestos do que filhos de pais que expressam a raiva mais para dentro ou controlam a raiva; 3) mães que expressam a raiva mais para fora terão filhas com mais comportamentos agressivos manifestos do que filhas de mães que expressam sua raiva mais para dentro ou controlam a raiva; 4) crianças do sexo masculino apresentarão mais comportamentos agressivos físicos do que verbais, quando comparadas com crianças do sexo feminino, sendo ambos da mesma faixa etária; 5) crianças de ambos os sexos apresentarão diferenças comportamentais em função da idade, sendo que as menores apresentarão mais comportamentos agressivos físicos do que verbais, quando comparadas com crianças de mais idade.

Metodologia

Sujeitos

A amostra foi constituída de 80 sujeitos, sendo 40 de cada sexo, com idades entre três e cinco anos e seus respectivos pais. Estas crianças são de creches de classe média baixa, não possuem mais do que dois irmãos e residem com ambos os pais.

Instrumentos

Foi utilizado o STAXI (Spielberger, 1988) na avaliação da expressão da raiva de ambos os pais das crianças. Este instrumento consiste em 44 itens que formam seis subescalas, descritas a seguir: (1) estado

de raiva: é composto de dez itens que medem a intensidade dos sentimentos de raiva num determinado momento; (2) traço de raiva: avalia as diferenças individuais na disposição para vivenciar a raiva; esta escala possui duas subescalas: (a) temperamento raivoso: composto de quatro itens que avaliam a propensão geral para vivenciar e expressar a raiva sem provocação específica e (b) reação de raiva: possui quatro itens que avaliam diferenças individuais na disposição para expressar a raiva quando criticado ou tratado de maneira injusta pelos outros; (3) raiva para dentro: é uma escala de expressão de raiva de oito itens que avaliam a frequência com que os sentimentos de raiva são reprimidos ou guardados; (4) raiva para fora: composta de oito itens que avaliam a frequência com que o indivíduo expressa a raiva em relação a outras pessoas ou objetos no meio; (5) controle de raiva: possui oito itens que avaliam a frequência com que cada indivíduo tenta controlar a expressão de raiva; (6) expressão de raiva: é uma escala baseada nas respostas dos 24 itens das escalas de raiva para dentro, raiva para fora e controle de raiva, que fornece um índice geral sobre a frequência com que a raiva é expressada sem levar em conta a direção da expressão. Depois de responder a cada um dos 44 itens do inventário STAXI, os indivíduos são classificados numa escala de quatro pontos conforme a intensidade dos sentimentos de raiva ou a frequência com que a raiva é vivenciada, expressada, reprimida ou controlada. Tabelas normativas fornecem transformações dos escores brutos de cada escala e separadamente por sexo, obtendo-se percentis e escores T. Normas para todas as escalas do STAXI são fornecidas para homens e mulheres, estudantes universitários e adultos.

Para a avaliação dos comportamentos agressivos das crianças, foi utilizada a observação destes comportamentos em atividades de recreação livre. Esta observação seguiu um roteiro de categorias de comportamentos agressivos mencionadas no quadro 1. Este roteiro das categorias de comportamentos agressivos foi montado com base na filmagem de dez crianças, selecionadas aleatoriamente. O objetivo deste estudo piloto foi o de formular, de forma mais precisa e adequada, as categorias a serem observadas posteriormente. Algumas das principais categorias

foram: empurrar, atirar areia/terra, chutar, bater, puxar pelo braço, atirar objeto, tirar objeto, bater com objeto e puxar pela roupa.

Quadro 1 - Categorias de comportamentos agressivos incluídas no roteiro usado na pesquisa

1. Empurrar
2. Tapinhas leves
3. Bater
4. Ameaça de bater
5. Bater com objeto
6. Ameaça de bater com objeto
7. Atirar objeto
8. Atirar terra/areia
9. Atirar objeto no brinquedo
10. Tirar objeto
11. Puxar objeto
12. Puxar cabelo
13. Puxar pelo braço
14. Puxar pela roupa
15. Imobilizar pela roupa
16. Confronto físico
17. Segurar pelo pescoço
18. Pisar no colega
19. Ameaça de pisar no colega
20. Pisar no pé
21. Chutar
22. Ameaça de chutar
23. Beliscar
24. Morder
25. Cuspir
26. Gritar no ouvido
27. Fazer careta
28. Mostrar a língua

Verbalizações agressivas:

Resultados

Os resultados relativos à primeira hipótese foram analisados qualitativamente, por meio de análise de conteúdo, pois não foi possível realizar uma análise estatística da mesma devido à apresentação de somente dois casos, dentre os 80 da amostra, em que ambos os pais expressaram sua raiva mais para fora.

Para testar a segunda e terceira hipóteses utilizaram-se correlações de Pearson entre os comportamentos agressivos totais (físicos e verbais) das

crianças e escores padrão T (de McCall), obtidos nas escalas de raiva para fora, para dentro e controle, do STAXI, por pais e mães. Estes resultados aparecem na Tabela 1.

Tabela 1 - Correlações entre comportamentos agressivos totais das crianças e escores no STAXI dos pais e mães

Sexo	Para fora		Para dentro		Controle	
	Pais	Mães	Pais	Mães	Pais	Mães
Meninos	-0,11 <i>p</i> >0,60	0,95 <i>p</i> <0,05	-0,11 <i>p</i> <0,80	0,66 <i>p</i> >0,02	-0,16 <i>p</i> >0,50	0,05 <i>p</i> <0,90
Meninas	0,08 <i>p</i> >0,80	0,89 <i>p</i> <0,15	0,44 <i>p</i> >0,30	0,65 <i>p</i> >0,00	0,45 <i>p</i> >0,10	0,03 <i>p</i> >0,90

Constatou-se que a segunda hipótese não foi confirmada, não havendo correlação significativa positiva entre pais classificados que expressam sua raiva mais para fora e o comportamento agressivo total dos filhos. Porém, quanto à terceira hipótese, pode-se dizer que há uma tendência significativa de que mães que expressam sua raiva mais para fora, tenham filhas com comportamentos agressivos externalizados também acentuados. As tabelas 2 e 3 demonstram melhor em que idade estas correlações ocorrem.

Tabela 2 - Correlações entre comportamentos agressivos totais dos meninos e escores no STAXI dos pais e mães

Idade	STAXI	Pais	Mães
3 anos	Para dentro	-0,10	0,81*
	Para fora	0,18	—
	Controle	-0,80	-0,31
4 anos	Para dentro	—	0,10
	Para fora	-0,20	—
	Controle	0,75	0,58
5 anos	Para dentro	0,10	0,57
	Para fora	-0,15	0,96*
	Controle	0,68	-0,28

Tabela 3 - Correlações entre comportamentos agressivos totais das meninas e escores no STAXI dos pais e mães

Idade	STAXI	Pais	Mães
3 anos	Para dentro	0,10	-0,23
	Para fora	0,52	0,48
	Controle	—	0,40
4 anos	Para dentro	0,46	0,74
	Para fora	-0,26	0,60
	Controle	0,86*	-0,32
5 anos	Para dentro	—	0,10
	Para fora	0,63	—
	Controle	0,19	0,11

A hipótese 4 também foi confirmada, ou seja, as crianças do sexo masculino apresentam, neste estudo, mais comportamentos agressivos físicos do que verbais quando comparados com as crianças do sexo feminino, como pode ser constatado pelas tabelas 4 e 5 abaixo.

Tabela 4 - Análise de variância dos comportamentos agressivos físicos dos dois sexos

Fonte	SQ	GL	MQ	F	p
Grupos	2645,00	1	2645,00	24,41	0,00
Erro	8450,95	78	108,34		
Total	11095,95	79			

Tabela 5 - Análise de variância dos comportamentos agressivos verbais dos dois sexos

Fonte	SQ	GL	MQ	F	p
Grupos	84,05	1	84,05	4,57	0,03
Erro	1433,15	78	18,37		
Total	1517,20	79			

Complementando o estudo desta hipótese, foram realizadas outras análises de variância com estas mesmas variáveis, porém com o acréscimo da variável independente “idade”, que revelaram signi-

ficância para este fator, tanto nos comportamentos agressivos físicos quanto verbais, dando apoio adicional para a hipótese 4.

A hipótese 5 foi aceita somente em parte, ou seja, com o passar da idade aumentaram os comportamentos agressivos verbais, porém não diminuíram os comportamentos agressivos físicos.

Isto pode ser constatado nas tabelas 6, 7 e 8.

Tabela 6 - Médias e desvios padrões de comportamentos agressivos verbais e físicos por idade

Grupos	Nº de Sujeitos	Agressão Verbal	Agressão Física
3 anos	23	4,13	18,26
		(2,54)	(10,59)
4 anos	30	6,16	22,83
		(4,99)	(11,65)
5 anos	27	7,70	26,40
		(4,34)	(12,18)

Tabela 7 - Análise de variância dos comportamentos agressivos verbais por idade

Fonte	SQ	GL	MQ	F	p
Grupos	158,79	2	79,39	4,50	0,01
Erro	1358,40	77	17,64		
Total	1517,20	79			

Tabela 8 - Análise de variância dos comportamentos agressivos físicos por idade

Fonte	SQ	GL	MQ	F	p
Grupos	824,83	2	412,41	3,09	0,05
Erro	10271,12	77	133,39		
Total	11095,95	79			

As análises complementares abaixo referem-se aos comportamentos agressivos físicos mais comuns, que são apresentados pela tabela 9.

Tabela 9 - Comportamentos agressivos físicos mais freqüentes

Comportamentos	Nº de ocorrências
Empurrar	309
Atirar terra/areia	162
Chutar	138
Bater	115
Puxar pelo braço	113
Atirar objeto	108
Bater com objeto	95
Puxar pela roupa	95

Também foi realizada uma análise de conteúdo das verbalizações mais freqüentes, que é apresentada na tabela 10.

Tabela 10 - Conteúdo das verbalizações e percentagem

Conteúdos	Nº de verbalizações	Percentagem
Autoritarismo	88	0,68
Egocentrismo	15	0,11
Ameaças	13	0,10
Ironia	7	0,05
Nomes que menosprezam	6	0,04

Discussão

Os resultados foram discutidos seguindo o enfoque da teoria da aprendizagem social da agressão humana.

Uma análise estatística da primeira hipótese não foi possível por haver somente dois casos em que ambos os pais expressaram sua raiva para fora. Constatou-se que as mães expressam sua raiva diferentemente, pode-se dizer até de forma oposta, dos pais. Isto pode ser relacionado ao fato de que o pesquisador contactou, na maior parte das vezes, somente com as mães das crianças. Esta possível influência do contato com o pesquisador pode ser constatada, principalmente, porque 90% das mães foram classificadas no STAXI expressando sua raiva de forma mais para dentro ou controlando-a. Juntamente com isto, está o preconceito social que existe em todas as

gerações em relação ao comportamento agressivo. Bartlett e Izard (1972) confirmam esta visão.

A segunda hipótese deste estudo refere-se ao papel da imitação de comportamentos agressivos realizados pelos filhos, tendo os pais como modelo. As análises realizadas constataram que os filhos de três a cinco anos desta amostra não estão se comportando da mesma forma como os pais, ou seja, os pais que expressam sua raiva mais para fora não possuem os filhos com maior número de comportamentos agressivos (verbais e físicos). Esta segunda hipótese será discutida juntamente com a terceira, em função de ambas preverem que ocorreria o mesmo processo de imitação ou identificação de comportamentos agressivos entre pais e filhos, e mães e filhas. Os dados obtidos na amostra testada confirmam a terceira hipótese, apresentando uma correlação significativa e positiva no nível de 0,10. Isto significa que há uma tendência das filhas a se comportarem agressivamente como as mães. Constatou-se, portanto, resultados opostos no que diz respeito à imitação de comportamentos agressivos dos filhos em relação a seus pais. Estes achados estão de acordo com Maccoby e Jacklin (1978) e Kohlberg (1984). Portanto, a rejeição da segunda hipótese mostra que, no que se refere ao comportamento agressivo, os filhos de três a cinco anos desta amostra, não consideram o pai como figura a ser imitada e sim a mãe. Também Hart *et alii* (1990) encontraram resultados semelhantes, e Bandura (1963) assinala que o modelo deve ter um valor funcional. Uma explicação pertinente de rejeição da segunda hipótese e aceitação da terceira é que, em nossa cultura, a figura materna representa um papel primordial na criação e educação dos filhos, sendo que as mães são, geralmente, as figuras mais próximas das crianças nos primeiros anos de vida. Isto foi observado, também, pelo fato de que, no presente estudo, eram as mães, na sua grande maioria, que levavam e buscavam os seus filhos diariamente.

A quarta hipótese refere-se a comportamentos agressivos verbais e físicos com relação ao sexo das crianças. Os resultados das análises estatísticas constataram que há diferença significativa quanto ao sexo das crianças, tanto nos comportamentos agressivos físicos, quanto verbais. Os meninos mani-

festaram mais comportamentos agressivos físicos e as meninas, mais comportamentos agressivos verbais. Estes resultados corroboram, portanto, os de autores como Feshbach (1956, 1970) e Mussen *et alii* (1990), Clark-Stewart e outros (1985). Uma contribuição considerada importante quanto à origem destas diferenças sexuais foi o estudo de Condry e Ross (1985) que constatou que havia diferença significativa na atribuição de agressividade a um comportamento, dependendo do sexo da criança que estava sendo observada. Isto significa que as forças sociais agem de forma incisiva no comportamento que é considerado como agressivo, dependendo do sexo da criança. Maccoby e Jacklin (1978) e Feshbach (1971) afirmam que os dois sexos são reforçados diferentemente, no que diz respeito ao comportamento agressivo, sendo permitido às meninas demonstrar a hostilidade de forma refinada e, aos meninos, a agressividade física é apropriada e até incentivada.

A quinta hipótese foi parcialmente confirmada, ou seja, nesta amostra constatou-se um aumento da agressividade verbal com o passar dos anos, porém, sem uma diminuição da agressividade física. Lewis & Michalson (1982), Lewis, Sullivan e Vasen (1987) e Bartlett e Izard (1972) concordam que as crianças são ensinadas a socializar suas expressões negativas. Nesta amostra, no entanto, constatou-se que as crianças de três a cinco anos ainda não foram socializadas quanto a estas regras, uma vez que aumentaram o número de comportamentos agressivos, tanto verbais, quanto físicos. Em parte, isto pode ser considerado como algo positivo em termos da espontaneidade e livre expressão dos sentimentos da criança. Por outro lado, ao final do período pré-escolar, a sociedade cobrará o controle da emoção de raiva.

Percebe-se que neste estudo as crianças apresentaram bastante liberdade de expressão de seus sentimentos, tanto que se identificam com aspectos como o autoritarismo dos genitores, conseguindo repetir este comportamento com os colegas. O que se acredita poder ser mais incentivado neste período é fazer com que as crianças, aos poucos, se dêem conta do que estão sentindo, sem precisar, simplesmente, mascarar ou reprimir estes sentimentos.

Referências

- BAKEMAN, R., & GOTTMAN, J. (1986). *Observing interaction: an introduction to sequential analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BANDURA, A., ROSS, D., & ROSS, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582.
- BANDURA, A. (1963). *Aggression: a social learning analysis*. New Jersey: Prentice-Hall.
- _____. (1978). Social learning theory of aggression. *Journal of Communication, Summer*, 288-292.
- BERKOWITZ, L. (1962). *Aggression: a social psychological analysis*. New York: McGraw-Hill.
- _____. (1969). *Man and aggression*. Montagu: Oxford University Press.
- _____. (1974). Some determinants of impulse aggression. *Psychological Review*, 81, 2, 165-176.
- BIAGGIO, A.M.B., & MACHADO, S. (1990). *Adaptação para o português do STAXI, de Spielberger - Estudos preliminares com sujeitos bilingues*. Porto Alegre: SBPC.
- BIAGGIO, A.M.B. (1988). *Psicologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Petrópolis.
- BRANNIGAN, C.R., & HUMPHRIES, D.A. (1981). Comportamento não-verbal humano, um meio de comunicação. In: B. JONES (Ed.), *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*, 37-66. São Paulo: Pioneira.
- BREUER, J. (1897). Considerações teóricas. In: S. FREUD (Ed.), *Obras completas de Sigmund Freud*, 195-250. Rio de Janeiro: Imago.
- BROOKS-GUNN, J., & LEWIS, M. (1982). Affective exchanges between normal and handicapped infants and their mother. In: T. Field & A. Fogel (Eds.), *Emotion and early interaction*, 189-212. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- CAIRNS, R. B. (1986). An evolutionary and developmental perspective on aggressive patterns. In: C. ZAHN-WAXLER, E. M. CUMMINGS & R. IANOTTI (Eds.), *Altruism and aggression: biological and social origins*, 58-87. Cambridge.
- CLARKE-STEWART, A., FRIEDMAN, S., & KOCH, J. (1985a). Emotions. In: A. CLARKE-STEWART, S. FRIEDMAN & J. KOCH (Eds.), *Child development: a topical approach*, 265-294. New York: John Wiley & Sons.

- _____. (1985b). Becoming an individual. In: A. CLARKE-STEWART, S. FRIEDMAN & J. KOCH (Eds.), *Child development: a topical approach*, 569-619. New York: John Wiley & Sons.
- CONDY, J. C., & ROSS, D. F. (1985). Sex and aggression: the influence of gender label on the perception of aggression in children. *Child Development*, 56, 225-233.
- CONNOLLY, K., & SMITH, P.K. (1981). Reações de crianças de idade pré-escolar a um observador estranho. In: B. JONES (Ed.), *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*, 165-180. São Paulo: Pioneira.
- CUMMINGS, E. M. (1987). Coping with background anger in early childhood. *Child Development*, 58, 976-984.
- _____. (1994). Marital conflict and children's functioning. *Social Development*, 3, 1, 16-36.
- DOLLARD, J., MILLER, N. E., DOOB, L., MOWRER, O. H., & SEARS, R. R. (1961). *Frustration and aggression*. New Haven: Yale University Press.
- EL-SHEIKH, M., CUMMINGS, E. M., & GOETSCH, V. L. (1989). Coping with adult's angry behavior: behavioral psychological and verbal responses in preschoolers. *Development Psychology*, 25, 4, 490-498.
- ERON, L. D., LEFKOWITZ, M. M., HUESMANN, R., & WALDER, L. O. (1972). Does television cause aggression? *American Psychologist*, April, 253-263.
- EKMAN, P. & FRIESEN, W. V. (1971). Constants across cultures in the face and emotion. *Journal of personality and social psychology*, 17, 124-129.
- FEIN, G. G. (1973). The effect of chronological age and model reward on imitative behavior. *Developmental Psychology*, 9, 3, 283-289.
- FERGUSON, G. A. (1976). *Statistical analysis in psychology and education*. London: McGraw-Hill.
- FESHBACH, S. (1964). The function of aggression and the regulation of aggressive drive. *Psychological Review*, 71, 257-272.
- _____. (1971). Dynamics and morality of violence and aggression: some psychological considerations. *American Psychologist*, 26, 281-192.
- FREUD, S. (1987a). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: S. Freud (Ed.), *Obras completas de Sigmund Freud*, 85-119. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- _____. (1987b). Os instintos e suas vicissitudes. In: S. Freud (Ed.), *Obras completas de Sigmund Freud*, 129-162. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).
- _____. (1987c). Além do princípio do prazer. In: S. Freud (Ed.), *Obras completas de Sigmund Freud*, 13-85. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- _____. (1987d). O ego e o id. In: S. Freud (Ed.), *Obras completas de Sigmund Freud*, 13-76. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923).
- _____. (1987e). O mal-estar na civilização. In: S. Freud (Ed.), *Obras completas de Sigmund Freud*, 75-171. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- GIOVACCHINI, P. (1984). Os instintos e suas vicissitudes. In: P. Giovacchini (Ed.), *Roteiro à leitura de Freud*, 88-99. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GOTTMAN, J., ROSE, F. T., & METTETAL, G. (1982). Time-series analysis of social-interaction data. In: T. FIELD & A. FOGEL (Eds.), *Emotion and Early Interaction*, 267-290. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- HALL, R. V. (1975). *Manipulação de comportamentos: modificação de comportamento* (Vol. 1). São Paulo: EPU.
- HART, C. H., ROYSTON, K. E., BURTS, D. C., & THOMASSON, R. H. (1990). Maternal and paternal disciplinary styles: relations with preschoolers' behavioral orientations and sociometric status. *Paper presented at the Annual Meeting of the American Educational Research Association*, 1-39. Boston.
- JABLONSKI, B. (1978). Catarse da agressão: um exame crítico. *Dissertação de Mestrado*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- JONES, B. N. (1981a). Características do estudo etológico do comportamento humano. In: B. N. Jones (Ed.), *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*, 3-33. São Paulo: Pioneira.
- _____. (1981b). Categorias de interação criança-criança. In: B. N. JONES (Ed.), *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*, 101-133. São Paulo: Pioneira.
- KAGAN, J. (1964). The child's sex role classification of school objects. *Child development*, 35, 1051-56.
- KOHLBERG, L. (1984). *Essays on Moral Development - The Psychology of Moral Development* (Vol. 2). San Francisco: Harper and Row.
- LAMB, M. E., SUOMI, S. J., & STEPHENSON, G. R. (1979). Issues in the study of social interaction: an introduction. In: M. E. LAMB, S. J. SUOMI & G. R. STEPHENSON (Eds.), *Interaction Analysis: Metho-*

- dological Issues*, 1-10. Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- LEWIS, M., SULLIVAN, M. W., & VASEN, A. (1987). Making faces: age and emotion differences in the posing of emotional expressions. *Development Psychology*, 23, 5, 690-697.
- LEWIS, M., & MICHALSON, L. (1982). The socialization of emotions. In: T. Field & A. Fogel (Eds.), *Emotion and early interaction*, 189-212. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- LORENZ, K. (1974). *A agressão humana: uma história natural do mal*. Lisboa: Moraes Editora.
- MACCOBY, E. E. (1966). Sex differences in intellectual functioning. In: E. E. MACCOBY (Ed.), *The Development of Sex Differences*, 25-55. California: Stanford University Press.
- MACCOBY, E. E., & JACKLIN, C. N. (1978a). Power relationships. In: E. E. MACCOBY & C. N. JACKLIN (Eds.), *The Psychology of Sex Differences*, 227-274. California: Stanford University Press.
- _____. (1978b). Sex typing and the role of modeling. In: E. E. MACCOBY & C. N. JACKLIN (Eds.), *The Psychology of Sex Differences*, 277-302. California: Stanford University Press.
- _____. (1978c). Summary and commentary. In: E. E. MACCOBY & C. N. JACKLIN (Eds.), *The Psychology of Sex Differences*, 349-374. California: Stanford University Press.
- MANSTEAD, A. S. R. (1991). Emotion in social life. In: A. S. R. Manstead (Ed.), *Cognition and Emotion*, 353-362.
- MUSSEN, P. H. (1969). Early sex role development. In: D. A. GOSLIN (Ed.), *Handbook of socialization theory and research*. Chicago: Rand McNally
- MUSSEN, P. H., CONGER, J. J., KAGAN, J., & HUSTON, A. C. (1990). *Child Development & Personality*, 464-474. New York: Harper and Row Pub.
- NAGERA, H. (1975). *Desarrollo de la Teoría de los Instintos en la Obra de Freud*. Buenos Aires: Horme-Paidós.
- NASCIUTTI, J. R. (1979). *Instinto e Aprendizagem: uma análise da agressão*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- PATTERSON, G. R., & MOORE, D. (1979). Interactive patterns as units of behavior. In: M. E. LAMB, S. J. SUOMI, & G. R. STEPHENSON (Eds.), *Social Interaction Analysis: Methodological Issues*, 77-96. Wisconsin: University of Wisconsin Press.
- RODRIGUES, A. (1988). Agressão, Violência e Altruísmo. In: A. RODRIGUES (Ed.), *Psicologia Social*, 313-340. Rio de Janeiro: Vozes.
- SANSON, A.; PRIOR, M.; SMART, D.; OBERKLAD, F. (1993). Gender differences in aggression in childhood: Implications for a peaceful world. *Australian Psychologist*, 28,2, 86-92.
- SANSON, A. & DI-MUCCIO, C. (1993). The influence of aggressive and neutral cartoons and toys on the behaviour of preschool children. *Australian Psychologist*, 28, 2, 93-99.
- SEARS, R. R., RAU, L., & ALPERT, R. (1965). *Identification and child rearing*. Stanford, California: Stanford University Press.
- SMITH, P. K., & CONNOLLY, K. (1981). Brincadeira e interação social em crianças de idade pré-escolar. In: B. JONES (Ed.), *Estudos Etológicos do Comportamento da Criança*, 101-133. São Paulo: Pioneira.
- SPIELBERGER, C. D. (1988). *Manual for the state-trait anger expression inventory - STAXI*.
- STORR, A. (1976). É a agressão um instinto? In: A. Storr (Ed.), *A agressão humana*, 26-36. Rio de Janeiro: Zahar.
- STRASSBERG, Z; DODGE, K. A.; PETTIT, G. S.; BATES, J. E. (1994). Spanking in the home and children's subsequent aggression toward kindergarten peers. *Development and psychopathology*, 6, 3, 445-461.
- VEGA-LAHR, N., & FIELD, T. (1986). Type A behavior in preschool children. *Child Development*, 57, 1333-1348.
- ZAHN-WAXLER, C., CUMMINGS, E. M., & IANOTTI, R. (1986). Altruism and aggression: problems and progress in research. In: C. ZAHN-WAXLER, E. M. CUMMINGS & R. IANOTTI (Eds.), *Altruism and Aggression: biological and social origins*, 1-15. Cambridge.
- ZUBECK, J. P., & SOLBERG, P. A. (1954). Emotional developmental. In: J. P. ZUBECK & P. A. SOLBERG (Eds.), *Human Development*, 303-331. New York: McGraw-Hill Book Company.